

Jean BRUN

*Filosofia e Cristianismo*¹

[Fascículo 3 : Hegel]

Tal é a situação metafísica e histórica – histórica porque metafísica – ante a qual se encontrou Hegel, o qual se deu por missão colocar fim a tudo o que pudesse separar a *compreensão* do *conhecimento*, o *conhecer* do *pensar*, o *fenômeno* da *coisa-em-si*, o *homem* de *Deus*. Ao elaborar a síntese de uma filosofia da história e de uma teologia do Deus vivente, Hegel põe a Eternidade em marcha na história a fim de que os dados se tornem focalizações momentâneas do *doador*, o qual se constitui a si mesmo através delas, e a fim de que a Verdade dinamizada possa aparecer como o devir de si mesma².

Que Hegel tenha podido declarar que era luterano e que pretendia permanecê-lo não impede que seu pensamento se apresente como um esforço para chegar a uma *dinamização* da verdade dada, mediante a Parusia do Absoluto em devir. A regionalização da verdade que, em Descartes e Kant, resultava da sua instauração mesma, não tem mais razão de ser a partir do momento em que a verdade cessa de residir numa ilha e se torna um continente em perpétua expansão.

Se “a natureza da verdade é brotar quando seu tempo chegou e manifestar-se somente quando esse tempo chegou”³, é porque o tempo se confunde com o surgimento contínuo do verdadeiro. O tempo hegeliano não é outra coisa senão a Parusia de Deus que se faz no tempo e pelo tempo, dimensão mesma do Calvário do Espírito Absoluto incessantemente recomeçado. Eis por que ele chega mesmo a estar em condições de proclamar que o Absoluto é resultado⁴ ou de dizer que “o verdadeiro é o devir de si mesmo”⁵.

Decerto, numerosos textos de Hegel podem incitar a pensar que esse devir não é senão uma explicitação de algo que o domina, e que ele tende a um fim. É assim que o heraclitismo hegeliano, segundo o qual não há ser senão o devir, se encontra às vezes duplicado em uma filosofia que afirma que não há devir senão do ser ; isso é o que sugerem as *Lições sobre a História da Filosofia*, onde Hegel esclarece que, antes de fazer a história de uma noção, é preciso desde logo dar uma definição dessa noção, sob pena de não saber do que se faz a história. Nem por isso deixa de ser certo que a importância da virada hegeliana na história do destino da verdade reside no impulso dado à idéia de que a verdade não é de maneira alguma algo *feito e pronto*, mas algo que está *se fazendo*, de que ela não é uma substância inerte a ser descrita nem uma região imutável a ser explorada, mas antes um sujeito que se desenvolve a si mesmo.⁶

¹ Traduzido por Olavo de Carvalho para exclusivo uso em aula pelos alunos do Seminário de Filosofia. Proibida a divulgação por quaisquer meios. [N. T.]

² Cf. Hegel, *Phénoménologie de l'Esprit*, trad. de J. Hyppolite, Paris, Aubier, 1939, t. I, p. 18.

³ Hegel, *op. cit.*, t. I, p. 61.

⁴ Hegel, *op. cit.*, t. I, p. 18.

⁵ *Ibid.*

⁶ Hegel, *op. cit.*, t. I, p. 17.

As obras lógicas de Aristóteles, com suas teorias sobre as inferências imediatas e mediatas, tinham podido dar a pensar que a verdade exprimia antes de tudo a coerência interna de um sistema de proposições e que, desde então, se tornava possível denunciar os sofismas ou falar de erros de cálculo nos raciocínios, como o sustentará mais tarde Leibniz.

Em Hegel, já não se trata de limitar-nos às verdades esporádicas de raciocínios específicos, pois os sistemas de deduções cedem lugar ao Sistema em si, que não é outro senão a verdade em marcha em processo de autoconstituir-se : “A verdadeira figura na qual a verdade existe não pode ser senão o sistema científico dessa verdade”⁷ ; não poderia portanto haver, de um lado, um saber e, de outro lado, uma filosofia que fosse amor a esse saber ; não há outra realidade efetiva senão a do sistema orgânico da verdade autodesvelando-se no e pelo todo : “A verdade é o todo. Mas o todo é somente a essência realizando-se e perfazendo-se por meio do seu desenvolvimento”⁸.

Esse autodesvelamento dialético da verdade em devir, esse Absoluto que se autoconstitui nos seus resultados, esse Deus em marcha na história, essa Eternidade vivente no tempo recoloca-nos na situação em que se encontrava o mista a quem se desvelava a verdade (e Hegel com isso devolve a palavra aos Mistérios de Elêusis, que ele deplorava haverem silenciado desde o desaparecimento da civilização grega) ; mas ele nos recoloca igualmente na perspectiva cara a Plotino e segundo a qual o homem, esculpindo a sua própria estátua, pode se identificar a Deus.

Encontramo-nos aqui em presença de uma atitude que se situa na mesma linha de pensamento de Mestre Eckhart ; o filósofo hegeliano é, com efeito, uma espécie de teognosta. Eckhart não hesitava em escrever : “Deus e eu somos um. Pelo conhecimento, atraio Deus para dentro de mim”⁹. Mas, Deus sendo o Deus vivente, Eckhart daí conclui: “A essência de Deus é minha vida. [...] O ser de Deus deve ser o meu ser, nem mais nem menos [...]. Tudo o que Deus opera é Unidade, eis porque ele me engendra enquanto seu filho, sem qualquer distinção”¹⁰. O Deus oculto desvela-se no e pelo homem. Eckhart chega mesmo a dizer : “Eu sou uma causa de que Deus seja Deus”¹¹. Deus desdobra sua presença no e pelo homem que se põe à sua escuta, de tal modo que aquilo que este se torna “não é outra coisa senão aquilo que Deus mesmo se torna”¹².

Hegel pôs todas essas idéias em marcha na história ; a autodeificação do homem é assim tornada possível por uma *recuperação dialética da kenosis*, que faz desta última aquele movimento pelo qual Deus se esvaziou de si mesmo para se identificar ao homem, identificando o homem a Deus. *O homem é autodeificado por Deus que se auto-humaniza*.

Pretende-se assim que as objeções segundo as quais não podemos compreender Deus se encontram por isso mesmo suspensas, ao mesmo tempo que é afastada toda tentativa para regionalizar a Verdade, já que é preciso afirmar doravante que “é a consciência-de-si de Deus que se conhece no saber do homem”¹³. Deus toma consciência de si mesmo à medida dos progressos dialéticos da consciência humana. A teofania já não é senão a mesma coisa que a história ; a *Fenomenologia do Espírito* é uma autobiografia da Verdade que se confunde com uma teogonia na qual Deus se pensa através dos atos do homem.

⁷ Hegel, *op. cit.*, t. I, p. 8..

⁸ Hegel, *op. cit.*, t. I, p. 18.

⁹ Maître Eckhart, *Traité et Sermons*, Sermon n° 6 : “Dieu m’engendre comme lui-même et s’engendre comme moi-même”, trad. de F. A. e J. M., Paris, Aubier, 1942, p. 150.

¹⁰ Maître Eckhart, *op. cit.*, pp. 148-149.

¹¹ Maître Eckhart, “Pourquoi nous devons nous affranchir de Dieu même”, in: *op. cit.*, p. 158.

¹² Maître Eckhart, “Mon œil et l’œil de Dieu, c’est un Seul œil”, in: *op. cit.*, p. 177.

¹³ Hegel, *Leçons sur la philosophie de la religion*, III^e partie, 2, *Leçons sur les preuves de l’existence de Dieu*, 5^e leçon ; trad. de J. Gibelin, Paris, Vrin, 1959, p. 33.

Com isso encontra-se realizado aquele Reino do Espírito do qual Joaquim de Flora anunciava o advento histórico em seguida ao Reino do Pai e ao do Filho, numa história curada e curativa, escatológica e auto-redentora. “A natureza divina e a natureza humana, diz Hegel, em si não são diferentes [...]. Deus se torna Deus a fim de que o espírito finito tenha, no mundo finito, consciência de Deus.”¹⁴

A Verdade manifesta-se, nasce e morre para ressuscitar em seguida de uma maneira nova, como a Fênix renasce das suas cinzas, numa série de *Aufhebungen* onde a positividade do negativo e a negatividade do positivo fazem que, por fim, nada nasça nem pereça. Deve-se portanto falar de um “movimento da vida da verdade” que manifesta o Deus vivente desvelando-se no e pelo Saber do homem ; o *conhecer*, o *fazer*, e mesmo o *Ser* doravante não são senão um e o mesmo.

O entusiasmo do mista grego encontra-se agora dialetizado e a embriaguez extática confunde-se com aquela salvação pelo conhecimento trazida pela gnose fenomenológica : “O verdadeiro é assim o delírio báquico, do qual não há nenhum membro que não esteja embriagado ; e, como esse delírio resolve em si imediatamente cada momento que tenda a se separar do todo, esse delírio é igualmente o repouso translúcido e simples.”¹⁵

A Separação e a Diferença já não se situam portanto numa verticalidade que reduza as verdades instauradas pelo homem a não ser *senão* verdades humanas, elas escalonam a explicitação da verdade no seu devir e constituem os momentos dialéticos do Espírito que é Tempo.

Poder-se-ia dizer que, em Eckhart, a Separação e a Diferença se encontram reabsorvidas num movimento de transcensão pelo qual o homem é elevado ao nível de Deus mesmo : “Se portanto me transformei em Deus de tal maneira que ele me produza como o seu próprio ser, uno com ele e semelhante a ele, pelo Deus vivente, é igualmente verdade que não há mais distinção.”¹⁶ *Em Hegel esse movimento de transcensão encontra-se dialeticamente horizontalizado e o Homem-Deus é uma autotranscendência em devir.*

Na auto-ultrapassagem dos seus momentos temporários, a verdade temporal é portanto dinamizada pelo homem que a instaura e que ela instaura ao fazer dele a manifestação mesma do Espírito absoluto em marcha. Se a Verdade está em expansão, não é de maneira alguma porque ela amplie o raio do seu círculo a partir de um centro imutável, mas porque seu centro está submetido a um devir que, ao mesmo tempo, lhe pertence. O Reino da Verdade é feito dessas sístoles e diástoles de continentes que surgem para naufragar e renascer novos do Oceano das Eras. Hegel dá por fim a entender que o Saber é o saber do Reino e o Reino mesmo.

O *Verum index sui et falsi* spinozista foi portanto colocado em marcha na história, adquiriu a auto-referência enquanto igualdade consigo mesmo ao mover-se. Em consequência, ele não tem intervalo em si -- o que implicaria um sistema de referências eterno e imóvel --, não há senão intervalos diferenciais. A história emite a Verdade como a Verdade emite a história, pois uma e a outra não são outra coisa senão a manifestação do Absoluto autocriador. Absoluto encarnado no e pelo homem que coincide com o Pensamento que se pensa e assim se engendra. *Já não é o homem que está a caminho em direção à Verdade, são a Verdade e a vida que estão a caminho, elas são mesmo o Caminho por excelência, Caminho que não constitui senão um e o mesmo com a História.*

Notou-se com frequência que uma ambigüidade fundamental se encontrava no coração do pensamento de Hegel, ambigüidade que está no princípio das heranças opostas que seus sucessores nele encontraram. Por um lado, Hegel parece desenvolver uma teoria da criação contínua ao fio direto de uma história sagrada que reconcilia fé e saber, retomar uma teologia da *kenosis*, fenomenologizar a Paixão do Cristo e dialetizar o “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”

¹⁴ Hegel, *op. cit.*, III^e partie, La religion absolue, ch. IV, L’homme Dieu et la réconciliation, trad. de J. Gibelin, Paris, Vrin, 1954, p. 134.

¹⁵ Hegel, *Phénoménologie de l’Esprit*, t. I, p. 40.

¹⁶ Maître Eckhart, Sermon n^o 6, in: *op. cit.*, p. 150.

; o homem torna-se assim o colaborador de Deus ao situar-se na sua luz e acolher a manifestação do Absoluto. Por outro lado, é fácil encontrar em Hegel as linhas de força que conduzem a uma antropologização de Jesus, a uma socialização de Deus e a uma divinização do social, coroadas por um sentido da história que é ao mesmo tempo criador e obra de Prometeu, talvez de Espártaco. O homem torna-se então não mais o simples “colaborador de Deus”, mas antes seu sucessor e substituto.

Quaisquer que sejam as interpretações daqueles que se dão como os verdadeiros herdeiros do hegelianismo, nem por isso deixa de permanecer verdade que, *com Hegel, a revelação histórica cede lugar a uma história reveladora na qual a Paixão do Cristo é incessantemente recomeçada* ; -- que Deus toma consciência de si através do saber do homem ; -- que esse gnosticismo da Parusia contínua desemboca numa dinamização da Verdade, dinamização para a qual e pela qual critérios, normas e referências tornam-se filhos do tempo ao longo de uma Revelação permanente. Pois dizer que a verdade é “o devir de si mesma” implica sem dúvida um *si mesmo*, mas implica, também e sobretudo, um devir que é o seu artesão e não servidor.

O homem acaba assim de transpor uma etapa metafísica nova ao proclamar que a verdade é movimento e mobilidade ; movimento e mobilidade dos quais ela é o Primeiro motor. Pretendendo colocar-se a serviço do Verdadeiro, o homem não faz assim senão adorar-se enquanto *Alfa e Ómega*. A coisa é muito nítida a partir de Feuerbach e sobretudo de Marx.

Desde então, helenismo, gnosticismo, iluminismo, joaquinismo e cientificismo podem se reunir numa filosofia e numa política da ação que pretendem, mais ou menos explicitamente, ter rompido os selos do Livro do Apocalipse e ter se tornado capazes não somente de ler-lhes as palavras, mas de escrever-lhe o texto para realizar a vinda dos tempos que, até então, todos se contentavam de chamar “próximos”¹⁷. Assim, os Fanáticos do Apocalipse, os Taboritas, Thomas Münzer ou os atuais “teólogos da libertação” unem-se aos fanáticos da história científica na sua vontade tiranicamente missionária de instituir sobre a Terra o Reino Salvador.

¹⁷ *Apocalipse 22:10*.